

## Breve ensaio sobre o esgotamento do mundo

Nilma Lacerda

**RESUMO:** O diálogo constante das buscas existenciais e o espanto em face da desumanidade de muitas das mudanças contemporâneas são marcas da voz poética de Bartolomeu Campos de Queirós. Neste texto, buscamos apontar a extrema coerência entre obra e práxis, voltadas ambas aos valores humanos mais caros.

**Palavras-chave:** Bartolomeu Campos de Queirós. Literatura. Ética. Práxis. Ecologia.

**ABSTRACT:** The constant dialogue of existential searches and the astonishment before the inhumanity of many contemporary transformations are characteristics of Bartolomeu Campos de Queirós's poetic voice. In this text, we aim at pointing out the extreme coherence between literary work and praxis, both geared to the most cherished human values.

**Keywords:** Bartolomeu Campos de Queirós. Literature. Ethic. Praxis. Ecology.

**N**ão me lembro em que livraria, na Inglaterra ou na Escócia, comprei *What is Reading For?* [Para que serve a leitura?], de Robert Bringhurst. Não conhecia nada do autor, mas para gente que conhece livro é fácil identificar se o objeto merece ou não vir para nossa biblioteca. Merecia, claro, e aqui está. Atraída pela capa, um texto em grego de Platão, pela quarta capa, um texto em caracteres chineses, e pela associação com *Literatura. Para quê?*, de Antoine Compagnon, trouxe comigo o livreto de 40 páginas. Magistrais 40 páginas. Recupero Platão, em citação que o autor traz de Northrop Frye, um dos críticos literários essenciais ao século XX:

o conhecimento de maior valor, qualquer que seja, não é algo que alguém possui, mas algo que alguém é... O propósito da crítica e do ensino, em todo caso, não é estético, porém ético, e deve servir à participação de todas as pessoas: para tal, em última análise, obras de literatura não são coisas para serem contempladas mas poderes para serem absorvidos (BRINGHURST, 2012, p. 35. Tradução da autora).

Me lembro bem do dia, em outubro ou novembro de 1997, em que, imbuída de minhas funções de guia, instava com meu amigo Bartolomeu para que descesse aos jardins da *finca* de Hemingway, em Havana. Ele havia sentado sobre um murinho, cansado, as pernas doendo (a doença que o levaria) e negava-se a prosseguir. Usei de artifícios: “Lá estão o barco de Hemingway, os túmulos dos

cachorros, você vai gostar de ver”. Com paciência por minha incompreensão, disse: “Eu não vou esgotar o mundo”. A suavidade e a determinação dele me calaram. Pedi desculpas, me retirei.

A frase me acompanhou por toda a viagem, me acompanha hoje. Está presente em minhas leituras de Bartolomeu, em compromisso com seu projeto estético que é, conforme preconiza Platão, ético e de destino coletivo. Em nenhum momento panfletária, a obra de Bartolomeu, tanto a literária, quanto a teórica, convoca o sujeito para indagar sua relação com o mundo. Se a apropriação está na natureza do humano e amearhar coisas, como fiz na livraria, é prática corriqueira da espécie, desde os tempos de caçadores e coletores, aí deve estar igualmente a escolha sobre o uso a fazer dessas coisas, a forma de viver que implica a relação consigo próprio, com o semelhante e com as outras formas de vida e de não vida que marcam o trajeto de uma existência. Em sua recusa a prosseguir na visita, acrescentando mais um cartão-postal à coleção do olhar, o que me pedia Bartolomeu? Atenção à pessoa dele, em primeiro lugar; consciência dos limites no agir sobre o mundo e refutação ao acúmulo, ainda que de experiências ou paisagens.

Implica-se aí o valor do ócio, do tempo de folga, de contemplação. Contrário ao tempo da ação, o ócio abre espaço para receber impressões do mundo ou manifestar-se de forma gratuita sobre elas.

Sem ócio, não há arte, esse fazer desvinculado da produção e do salário, que permite a reflexão e a expressão. *Por parte de pai* (QUEIRÓS, 1995) é o elogio do avô, homem feito de histórias e preguiça, que, ao ganhar na loteria, livra-se da obrigação ordinária de “ganhar a vida” e dedica-se a registrar o mundo em pormenorizadas escritas nas paredes da casa. Herdeiro desse bem, que reinventa na arte, o autor desorganiza o pensar, atuando em sua expressão, a linguagem. Oferece à infância a certeza daquilo que é dela: quebrar a lógica, poetar – *Pedro, Mário, Anacleto* (QUEIRÓS, 1973, 1982, 2006). Instaure o inaudito, a prevalência do desejo e do sonho – *Ah! Mar, Elefante* (QUEIRÓS, 1985, 2013); entrega-se, em *Ciganos* (QUEIRÓS, 1996), ao cálculo da liberdade e do amor, em jogo com a sina em tabuleiro de palavras e formas, na confiança de encontrar o destino amoroso na figura de um pai a resgatar o filho fugido ou sequestrado.

Linha de força nesta narrativa, o pertencimento não se faz incompatível com a emancipação almejada pelo menino. A perspectiva de Adorno, em análise de Vizeu e outros, será considerada pelo menino, que a entregará em momento oportuno, ao adulto.

Emancipar é refletir criticamente sobre a realidade em que os sujeitos estão inseridos, não se limitando, portanto, ao simples ato de pensar a realidade, mas de transformá-la por meio da práxis. Emancipar não é renunciar ao esclarecimento, é incorporá-lo e

distingui-lo da simples ação de domínio sobre a natureza e requer entender o indivíduo no seu contexto social-histórico, de forma a fazer de todos os agentes senhores de suas ações (VIZEU; MENEGHEITI; SEIFERT 2012, p. 573).

O autor não esgotaria o mundo, mas saberia do esgotamento há muito em curso. Saber da necessidade de atuação de agentes que possam imprimir outro curso ao fluxo de consumo. *Indez* (QUEIRÓS, 1988) versa sobre este agente, que voltará ao ninho para transformá-lo por meio de sua práxis. Qual a práxis de Bartolomeu? Arte, educação, filosofia. Qual o pensar de Antônio, o protagonista de *Indez*? Consistirá sua maior aventura em ir à escola, aprender a escrever, ouvir histórias que o ajudem a guardar a memória, em garantia de origem e identidade que permitirão ao adulto intervir para a preservação desse universo, de um tempo histórico em que foi forjado junto a uma comunidade.

Comunidade. Pode ser a que se esfacela com a má escolha do pai em seu segundo casamento, levando à dispersão e ao desamparado lançar no mundo, tal como tematizado em *Vermelho amargo* (QUEIRÓS, 2011). Pode ser a que ficou perdida, submersa nos dogmas de um capitalismo devorador, tal como em *Sem palmeira ou sabiá* (QUEIRÓS, 2006). Pode ser aquela que pisca no horizonte e que buscamos arduamente construir. Cômico de sua responsabilidade em face de um momento histórico, atende à demanda de secretarias de Estado para dar contorno e

*Comunidade. Pode ser a que se esfacela com a má escolha do pai em seu segundo casamento, levando à dispersão e ao desamparado lançar ao mundo, tal como tematizado em Vermelho amargo (QUEIRÓS, 2011).*

materialidade a estes mundos, em *Correspondência* (QUEIRÓS, 1986) e *Apontamentos* (QUEIRÓS, 1988). Autor orgânico e talentoso, evita a armadilha presente em criação por encomenda, entregando a leitores e leitoras obras para serem absorvidas, em fruição coletiva, como refere Platão, no texto de Frye.

Seguirá o mesmo trajeto em *Nascemos livres* (QUEIRÓS, 2008), obra de ilustração coletiva, com artistas de várias partes do mundo, publicada pela seção da Anistia Internacional do Reino Unido, para conhecimento e reflexão da infância sobre os direitos humanos, tal como consta na Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Organização das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Na posição de adaptador, Bartolomeu não abre mão das considerações autorais. “Escrever é minha tarefa”, afirma e discorre de forma sintética sobre a consistência de tal fazer; evoca em seguida a liberdade fundamental para o exercício da escrita e proclama sua “profissão de fé”, à escuta do mundo: “Todas as coisas são ricas de

mistérios e a escrita tenta protegê-los”.

Continua:

Já escrevi muitos livros: *Indez, O olho de vidro de meu avô, Por parte de pai, Tempo de voo, Ciganos, Até passarinho passa*, e outros. Alguns sugerem tempos já vividos e outros de tempos ainda sonhados. A literatura não tem preconceitos. Tudo pode e nada deve ser ignorado. Realidade e fantasia se juntam para realizar uma terceira história (QUEIRÓS, 2008, p. n. m.).

A terceira história, a terceira margem do rio, a terceira visão. O que fica no meio, medeia, é ponte. Entre vivido e sonhado, Bartolomeu transitava, sem nostalgia, em sintonia com o presente e a mirada visionária. Não fosse ele escritor e professor, condições determinantes em nosso país. Diz Silviano Santiago:

Não há como não se autotransformar de visionário se você é escritor num país como o Brasil. Visionário significa que você tem visões — no caso literárias e políticas, que significam que a situação socioeconômica e educacional do país não será para sempre a mesma. Ela pode e vai melhorar (SANTIAGO, 2004, p. 72).

Silviano diz essa frase em 2002. Em 16 de dezembro de 2009, recebo uma carta-chamada de Bartolomeu: “Nilma, o Brasil

LACERDA, N.

Literário pode, em princípio, parecer uma utopia, mas por que não buscar realizá-la? (QUEIRÓS, 2009). Respondi, é claro, lembrando as *Cartas do São Francisco*, de minha autoria, escritas em 1999: “Num país como o nosso, meu caro amigo, construído na desigualdade social e nas mentiras políticas, o bom livro para a criança e o jovem é, não tenho dúvida, um projeto de nação” (LACERDA, 2003, p. 29). Sonhávamos, agíamos, uma geração visionária. Bartolomeu era ponte e caminhante. Um buscador de caminhos, dos melhores caminhos, embora fosse bússola, ele mesmo.

Não me lembrei da cidade em cuja livraria comprei o livro que me permitiu começar este pequeno ensaio. Poderia ir ao diário de viagem, mas tenho preguiça. À guisa de consolo, trago o texto da quarta capa, do calígrafo da Dinastia Tang, Sun Qiánli, traduzido para o inglês pelo autor do livro, por mim vertido ao português: “Onde o pincel corre, rolam primaveras, onde ele para, montanhas permanecem”.

Autor de fazer rolar primaveras e saber o tempo de deitar montanhas em permanência, Bartolomeu Campos de Queirós.

## REFERÊNCIAS

BRINGHURST, Robert. **What is reading for?** New York: Cary Graphic Arts Press, Rochester Institute of Technology, 2011.

LACERDA, Nilma G. **Cartas do São Francisco: conversas com Rilke à beira do rio.** 3. ed. Il. Demóstenes Vargas. São Paulo: Global, 2003.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Ah! Mar...** 2. ed. Projeto gráfico de Walter Ono e Mário Cafiero. São Paulo: Quinteto Editorial, 1985.

\_\_\_\_\_. **Apontamentos.** Il. e projeto gráfico Paulo Bernardo Vaz. Belo Horizonte: Formato, 1988.

\_\_\_\_\_. **Anacleto.** Il. Júlia Bianchi. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ciganos.** 2. ed. Projeto gráfico Paulo Bernardo Vaz. Belo Horizonte: Miguilim, 1996.

\_\_\_\_\_. **Correspondência.** Ilustrações de Angela Lago. Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais, Secretaria de Estado da Educação, 1986.

\_\_\_\_\_. **Elefante.** Il. 9LI (Bruno Novelli). São Paulo: CosacNaify, 2013.

\_\_\_\_\_. **Indez.** Belo Horizonte: Miguilim, 1988.

\_\_\_\_\_. **Mário ou de pedras, conchas e se-  
mentos.** Ilustrações de Sara Ávila. Belo Horizonte, Miguilim, 1982.

\_\_\_\_\_. **Manifesto por um Brasil Literário.** Disponível em: <https://www.brasilliterario.com.br/Manifesto>. Acesso em 17/02/2010; <https://www.youtube.com/watch?v=6vVfeTrSYM8>. Acesso em 14/08/2022 e <https://sinaapse.gife.org.br/download/manifesto-brasil-literario>. Acesso em 14/08/2022.

\_\_\_\_\_. **Nascemos livres;** a Declaração Universal dos Direitos Humanos em imagens. Ilustrações de John Burningham, Fernando Vilela et alii. São Paulo: SM, 2008. 1. ed. bras. 4. Reimp. 2013.

\_\_\_\_\_. **Pedro** (O menino que tinha o coração cheio de domingo). 4. ed. Ilustrações de Sara

### Breve ensaio sobre O Esgotamento do Mundo

Ávila de Oliveira. Belo Horizonte: Miguilim, 1987.

\_\_\_\_\_. **Por parte de pai**. 10. ed. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

\_\_\_\_\_. **Sem palmeira ou sabiá**. Ilustrações de Elvira Vigna. São Paulo: Peirópolis, 2006.

\_\_\_\_\_. **Vermelho amargo**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

SANTIAGO, Silviano. Uma literatura anfíbia. In: \_\_\_\_\_. **O cosmopolitismo do pobre**; crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. pp. 64-73.

VIZEU, Fabio; MENEGHEITI, Francis Kanashiro; SEIFERT, Rene Eugenio. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. Fundação Getúlio Vargas: **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, nº 3, artigo 6, Rio de Janeiro, Set. 2012. p. 569-583.

### SOBRE A AUTORA:

**Nilma Lacerda** é Autora de Manual de tapeçaria, Pena de ganso, Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho, Estrela de rabo e mais histórias, entre outros. Organizou, com Margareth Mattos, Esses livros sem idade. Recebeu os prêmios Jabuti, Rio, Brasília de Literatura Infantojuvenil, entre outros. Doutora em Letras, é professora colaboradora da Universidade Federal Fluminense (UFF).